Ruben A.

TRIÁLOGO
JÚLIA
RELATO 1453

ASSÍRIO & ALVIM

Ruben A.

TRIÁLOGO
JÚLIA
RELATO 1453

edição de
LIBERTO CRUZ

prefácio de
ARMANDO NASCIMENTO ROSA

ASSÍRIO & ALVIM

EDIÇÃO PATROCINADA
PELO
INSTITUTO PORTUGUÊS DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS

© ASSÍRIO & ALVIM
RUA PASSOS MANUEL, 67 B, 1150-258 LISBOA
E HERDEIROS DE RUBEN A. (2007)

1.ª EDIÇÃO (*JÚLIA*) – LIVRARIA PORTUGAL 1963

EDIÇÃO 0823, JULHO 2007
ISBN 978-972-37-0802-8

Prefácio

AS PEÇAS DE UM NARRADOR DRAMÁTICO

Armando Nascimento Rosa

«... Num rasgo de audácia comecei o KAOS, mas ficou parado, preciso de arrancar novamente, é coisa para mil páginas e depois só escreverei teatro, o que mais me apaixona pelo simples facto de não ter qualquer repercussão.» (*Carta a Liberto Cruz*, 17/11/1971)[1]

Neste trecho epistolar, Ruben A. confirma-nos uma suspeita: a da existência nele, aqui confessada, de uma pulsão dramática latente que anima, além do mais, tantas páginas da sua prosa de narrador desassombrado e indomesticável. E ele aqui o diz no gesto bem soberano (que lembra António Patrício) de se «estar nas tintas» para os silenciamentos previsíveis, votados à recepção cultural de criações dramáticas de portugueses em Portugal; por culpa isolada ou concertada de desatenção, desamor, e/ou despeito (questão amarga e atávica que infelizmente detém a sua actualidade). Mas seja qual for o obstáculo ou o boicote, tal não atingirá de morte essa *paixão de dizer*, em forma escrita, que constitui a tentação dramatúrgica.

O presente volume reúne os três textos autónomos que Ruben A. compôs especificamente neste género literário peculiar, que reclama, para a sua destinação plena, a habitabilidade da cena. E a leitura conjunta destas três produções de teatro escrito vem reforçar o que atrás deixei expresso: a experiência do

[1] Cit. Cruz, Liberto, *Prefácio*. in Ruben A., *Kaos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002, p. 11.

dramático a abranger outros textos do autor, de entre os quais nomearia de imediato o «diálogo-monólogo» (como lhe chamou Eduardo Lourenço[1]) *Silêncio para 4*, obra maior que Ruben A. designou por romance, e que é quase integralmente constituída por falas em discurso directo, como se de uma imensa e utópica peça teatral se tratasse. Como o diz Dália Dias, no seu imprescindível e recente estudo sobre o autor, *Silêncio para 4* «é, na verdade, uma única cena e um único acto de um texto dramático, que não contém nenhuma didascália ou qualquer outro sinal dramatúrgico evidente.»[2] É curioso observar como esse texto formidável, a duas vozes, nos solicita hoje (porventura bem mais do que no tempo seu de escrita) a aventura dramatúrgica de uma teatralização, do prazer de uma cénica adaptação de nacos extraídos do seu corpo textual; tomando a pulsação ao «gozo barroco» (de novo E. Lourenço) que irriga a escrita rubeniana, numa intimidade com o teatro da História e as estórias das personagens dela que todos vamos sendo, nos diferenciados desempenhos de um guião improvável.

Nestes três textos, dois deles até agora absolutamente inéditos em livro, encontram-se concretizações dessa vocação dramática de escrever por meio de falas que conduzem a escrita, num diálogo (ou *triálogo*) explícito ou latente com o autor-conjurador delas. Cada obra de um escritor prepara, sem o saber ao certo, as etapas seguintes de um futuro percurso. E se a peça *Júlia* é a antecâmara germinal, a dez anos de distância, para a erótica dialogal de *Silêncio para 4*, já *Triálogo*, a primeira peça de Ruben A., é um experimento paródico que acumula traços deliciosamente reconhecíveis de sátira elegante, na invenção

[1] Lourenço, Eduardo, *O Desvairo Criador de Ruben A.. Sobre Silêncio para 4*. prefácio a Ruben A., *Silêncio para 4*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990, p. 8.

[2] Dias, Dália, *A Escrita Dissidente. Autobiografia de Ruben A.*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 72.

auto-referencial e impudica de alguém que se dramatizou a si mesmo numa vida ficcionada que, através da escrita, descobre a sua jubilosa e plural identidade. *A Poesia dramática, por intuir o universal, é mais filosófica do que a História, que relata ocorrências particulares*, disse-o Aristóteles na *Poética*, oferecendo, com uma antecipação de séculos, argumentos para a teoria junguiana dos arquétipos; e Ruben A. prestará culto a ambas na sua pessoalíssima maneira de aedo épico-satírico, tantas vezes reinventando a História subjectiva e colectiva através da Ficção imaginante.

Datada de 1951, dois anos depois da sua estreia literária (com o primeiro volume de *Páginas*), *Triálogo* é uma breve peça agora revelada, urdida de múltiplos cruzamentos paródicos, em que a cultura e a sociedade lusitanas são alvo de um olhar cirúrgico, dirigido de fora para dentro. Ruben A. escreve-a ainda em Londres, nas despedidas do seu cargo de leitor do King's College. *Triálogo* permite-nos um encontro que só a cena teatral proporcionaria: Luís de Camões convocado, num figurino pós-pessoano de burocrata de gabinete. Temos pois o vate lusíada num britânico «dinner jacket», acompanhado de uma Lady Inglesa, sua consorte, de «vestido comprido meio brilhante», que o trata por *darling*, e a quem o marido, também português, fugiu há dez anos. E ela, à semelhança da Madalena garrettiana (analogia que é motivo de risível criticismo no entrecho da peça), nem sabe bem se será ou não viúva. É o seu Camões que a esclarece quanto ao estado civil: «Não, não, tu não és viúva, és a alma gentil do outro que se partiu. Tu, juridicamente, estás hipotecada.»

O terceiro conviva deste divertimento de surrealidade sociocrítica é o próprio Ruben A., também em «dinner jacket», que parece assessorar nos tediosos despachos assinados por um Camões tornado em funcionário vitalício a título de sobrevivência póstuma, já farto das funções que lhe incumbiram: